



CAPÍTULO 2

ENTRE O SILÊNCIO E A SUBVERSÃO: DISCURSOS DE RESISTÊNCIA EM AS MENINAS, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.673112610022>

Priscilla Cláudia Pavan de Freitas

Têm vocês alguma noção de quantos livros são escritos sobre as mulheres em um ano? Têm alguma noção de quantos são escritos por homens?

(Virginia Woolf, *Um teto todo seu*)

INTRODUÇÃO

Ao formular as perguntas presentes na epígrafe, Virginia Woolf expõe a disparidade histórica entre a forma como as mulheres são representadas na sociedade e sua efetiva inserção como autoras no campo literário. Em um espaço tradicionalmente dominado por vozes masculinas, a escrita feminina não se limita à dimensão estética, mas assume também um caráter político e subversivo, constituindo-se como prática de resistência diante dos silenciamentos e das desigualdades estruturais. Inserir esse tipo de literatura em um contexto escolar, por exemplo, é essencial para, além de ampliar o repertório crítico dos estudantes, promover reflexões sobre gênero e poder, e estimular o reconhecimento da pluralidade de vozes que compõem a experiência humana, especialmente aquelas historicamente marginalizadas.

A escola, como espaço privilegiado de formação cultural, intelectual e moral, prepara os indivíduos para atuarem como cidadãos em uma sociedade cada vez mais complexa e tecnológica. Entretanto, no Brasil, ainda se observa uma defasagem no desenvolvimento de habilidades cognitivas, senso crítico e criatividade entre os alunos da educação básica, conforme apontado pelo PISA (2023), que posicionou o país em 44º lugar entre 57 países avaliados. Essa realidade está associada, entre

outros aspectos, a abordagens educacionais que nem sempre estimulam um olhar sensível e reflexivo. Nesse contexto, a literatura surge como ferramenta essencial para superar tais desafios, ao promover sensibilidade artística, empatia, imaginação e uma visão crítica da sociedade.

Conforme os PCNEM (2002), é crucial que o estudante desenvolva a capacidade de relacionar os conhecimentos adquiridos, não só como consumidor, mas também como produtor cultural, avaliando sua atuação frente às variáveis culturais. O ensino literário de maneira engajada, por sua vez, permite que os jovens construam repertórios transformadores, ultrapassando a simples memorização de estilos e conteúdos para compreenderem seu contexto cultural e social mais amplo.

Em “O Direito à Literatura”, Candido (2011) argumenta que a literatura é um direito básico e fundamental para o equilíbrio psíquico e emocional, contribuindo para a compreensão do mundo e de si mesmo. No ambiente escolar, ela funciona como importante instrumento pedagógico e social, ao oferecer conhecimento linguístico e possibilitar a abordagem de temas diversos sob múltiplas perspectivas.

Desse modo, a literatura pode atuar como uma ferramenta formativa e crítica, capaz de mobilizar reflexões sobre questões sociais estruturais, como o patriarcado no campo literário e os discursos de resistência produzidos por personagens femininas em contextos de opressão. Ancorado na Análise do Discurso de linha francesa, este trabalho propõe o estudo do romance *As Meninas*, de Lygia Fagundes Telles, com o objetivo de investigar de que maneira o silêncio, a subversão e a construção do *ethos* discursivo das personagens femininas se configuram como estratégias de resistência, tanto diante do contexto repressivo da ditadura militar quanto frente às estruturas conservadoras de poder e hierarquia que atravessam as relações sociais representadas na obra. Ao inserir obras escritas por mulheres e socialmente engajadas no espaço escolar, o ensino de literatura ultrapassa uma abordagem meramente conteudista e contribui para a formação de leitores mais críticos e politicamente sensíveis.

Meninas que resistem

Lygia Fagundes Telles foi uma das pioneiras na representação literária das mulheres como sujeitos ativos e complexos de sua realidade. Sua escrita, ainda que nem sempre considerada como militante, carrega uma força feminista, na medida em que questiona os papéis tradicionais impostos às mulheres. Sua presença na lista de leituras obrigatórias da Fuvest (2026) reforça a relevância de sua obra para o debate contemporâneo sobre gênero, identidade e resistência, além de proporcionar, na educação básica, um valioso instrumento pedagógico para a sensibilização dos estudantes frente às questões sociais que atravessam a sua época.

Em *As Meninas*, a autora cria uma narrativa ambientada em um período de repressão política, a ditadura militar no Brasil (1964-1985), a qual reflete, também, a opressão e abusos vividos pelas mulheres. A obra acompanha a vida de três jovens com visões e histórias diferentes, mas unidas pelo desejo de liberdade, mudança e questionamento das normas estabelecidas. Cada uma das personagens principais, Ana Clara, Lorena e Lia (Lião), representa diferentes formas de resistência: seja no aspecto político, econômico, na busca por independência sexual, ou mesmo na superação de traumas. A obra denuncia a pressão sobre as mulheres e o controle sobre suas vidas, evidenciando as suas lutas pela autonomia, felicidade e identidade. Em *As Meninas*, Lygia Fagundes Telles constrói discursos de resistência ao dar voz aos dilemas existenciais das jovens mulheres que enfrentam diversos tipos de opressões, valendo-se de uma narrativa polifônica marcada pelo uso do fluxo de consciência.

O trecho a seguir, aborda, por exemplo, a questão da independência sexual da personagem Ana Clara, evidenciada através do relato da amiga Lorena. Este relato explora como a percepção da autenticidade feminina influencia as dinâmicas de desejo e atração vindas do homem.

Ana Clara contou que tinha um namorado que endoidava quando ela tirava os cílios postiços, a cena do biquíni não tinha a menor importância, mas assim que começava a tirar os cílios, era a glória. Os olhos nus. Em verdade vos digo que chegará o dia em que a nudez dos olhos será mais excitante do que a do sexo. Pura convenção achar o sexo obsceno. (Telles, 1974, p.10)

Ana Clara, em uma conversa com sua amiga Lorena, diz que seu namorado “endoidava” ao vê-la sem cílios postiços, sugerindo que, para ele, a remoção desse artifício representava um tipo de “nudez” que lhe parecia mais autêntica e sensual do que a própria exposição do corpo em um biquíni. O ato de remover os cílios postiços, um detalhe cosmético associado à feminilidade e à performance do “feminino”, revela uma camada de vulnerabilidade (nudez) e autenticidade da mulher (pela sensualidade natural) que, paradoxalmente, torna-se uma fonte de atração para o namorado. Essa “nudez dos olhos” evoca a ideia de uma mulher que se apresenta para além dos padrões e expectativas estéticas impostas, como um alguém na sua essência e intimidade.

A conversa entre as amigas ocorre por meio de um bate-papo, e esse gênero discursivo compreende uma valência genérica interna, relacionada às regularidades linguísticas, enunciativas e temáticas que organizam a troca, como a oralidade, a confiança, a intimidade e a cumplicidade entre as interlocutoras, e uma valência genérica externa, que diz respeito às condições sócio-históricas, institucionais e ideológicas que tornam esse dizer possível e significativo (Maingueneau, 2015).

No plano da valência interna, o diálogo entre Ana Clara e Lorena favorece a emergência de um discurso marcado pela liberdade enunciativa, pela suspensão

momentânea de normas morais rígidas e pela circulação de sentidos ligados ao desejo, à sexualidade e à construção da feminilidade. Trata-se de um espaço discursivo em que a personagem pode enunciar sua experiência sem censura explícita, reforçando um ethos feminino que se constrói pela franqueza e pela autonomia do corpo e do desejo.

Já no âmbito da valência genérica externa, esse bate-papo se inscreve em um contexto social atravessado por normas patriarcais e por um regime autoritário que regula não apenas os corpos, mas também os discursos sobre sexualidade feminina. Nesse sentido, a aparente informalidade do diálogo funciona como estratégia de resistência simbólica, pois permite que temas considerados tabu circulem à margem das instâncias de controle social.

Ana Clara é uma personagem ousada e intensa, mas sua dependência por drogas e bebidas revela, também, uma fragilidade física e emocional. Seu corpo, apesar de belo, traz rastros de uma existência atravessada pela dor e pela exclusão. Ela foi uma jovem que sofreu abandono da mãe, não conheceu seu legítimo pai e sofreu diferentes tipos de privações, entre elas, a financeira, além de diversas formas de abusos. As drogas parecem, na narrativa, uma tentativa desesperada de sobreviver ao caos, ao mundo que a desumanizou desde a infância. Em vários momentos os discursos de Ana Clara são marcados por ressentimento, carência e dor, como no trecho a seguir:

Não quero a semente mãe quero a história. Então à meia-noite a princesa virava abóbora. Quem me contou isso? Você não mãe que você não contava história contava dinheiro. A carinha tão sem dinheiro contando o dinheiro que nunca dava pra nada. “Não dá” — ela dizia. Nunca dava porque era uma tonta que não cobrava de ninguém. Não dá não dá ela repetia mostrando o dinheirinho que não dava embolado na mão. Mas dar mesmo até que ela deu bastante. Pra meu gosto até que ela deu demais. Uma corja de piolhentos pedindo e ela dando. (Telles, 1974, p. 30)

Ana Clara rejeita a origem (a “semente”) e reivindica a narrativa, ou seja, o sentido ou o afeto que lhe fora negado. Ela quer mais do que uma explicação biológica ou material sobre sua vida, deseja um lugar na memória e na linguagem, deseja ser acolhida em uma história que dê sentido à sua existência. Aqui se explicita a frustração com uma mãe que não ofereceu contos, fantasias ou acolhimento simbólico, mas apenas a dura realidade permeada pela escassez econômica e pela prostituição (“corja de piolhentos pedindo e ela dando”).

Em vários momentos da narrativa, as falas de Ana Clara são fragmentadas e caóticas, e nelas há a percepção de uma jovem mulher destruída por uma realidade que a marginaliza e que a exclui. Suas palavras são atravessadas por profundas contradições, em uma delas, ao mesmo tempo em que parece zombar de ideais revolucionários (como os proferidos por sua amiga Lia), deseja gozar daquilo que

a burguesia representa, como o conforto, status social e a dignidade (usufruídos por Lorena). O trecho a seguir leva a essa reflexão.

Bem feito. Ora, acabar com a burguesia. Mas se é agora que eu. Esperem um pouco, também quero, não posso? Ano que vem, vida nova, meu santo. Tranco a matrícula e depois. Quero ser a primeira, está me ouvindo? Com dinheiro a gente aprende rápido, com dinheiro fica fácil. Sou inteligente, não sou? Psicóloga. O escamoso me compra a clínica caixa alta, tenho nojo de problema de mendigo. Escolho a clientela. Um saco de ouro. (Telles, 1974, p. 68)

Ela reafirma a sua inteligência e fantasia com uma profissão respeitada: psicóloga (curso que ela abandonou por falta de condições). “O escamoso” (homem que ela idealiza) é uma referência a aquele que a sustentará, após retomar os seus estudos. A ideia de ele “comprar a clínica caixa alta” é ao mesmo tempo um delírio e uma alegoria da mercantilização da vida, já que ela projeta um futuro baseado em consumo, status e aparência de um casamento com um homem abastado.

Ana Clara simboliza, entre outras coisas, a marginalização feminina em um país autoritário e desigual. Embora sua trajetória seja permeada pela autodestruição, em alguns momentos, sua fala é atravessada por lampejos de lucidez, anseios e crítica, revelando uma consciência dolorosa de sua condição. Entre delírios e lembranças, Ana Clara expõe um Brasil oculto, que habita as esquinas e os becos da sociedade. No fragmento a seguir revela-se a solidão e a marginalização de Ana Clara, vista pelos olhos da amiga Lorena. A maneira como ela é descrita carrega compaixão, mas também preconceito de classe e uma idealização do que seria o “comportamento feminino adequado”.

Ana Clara também posa de indiferente, mas se não toma tranqüilizante recomeça naquele delírio ambulatório. Com a maior sem-cerimônia do mundo abriu minha caixa de lenço-papel e levou mais da metade, anda com montes de folhas para se limpar depois do amor. O certo seria tomar um banho em seguida, é lógico, higiênico e poético correr nua até o chuveiro. No campo, correr debaixo da cascata, chuáaaaaa!... Mas fazer a toalete como uma doméstica apressada. Certos gestos e palavras de Ana Clara, coitadinha. Tudo está nos detalhes: as origens, a fé, a alegria. Deus. Principalmente as origens. ‘Lá sei das minhas, me disse quando ficou de fogo. Nem quero saber.’ A margaridinha aí embaixo pode dizer a mesma coisa, nada sei da minha raiz. Mas e a gente? Nem pai nem mãe. Nem ao menos um primo. Não tem ninguém. Pelo visto, a Bahia inteira deve ser da parentela de Lião, mas Ana Clara é o avesso do quadro familiar. (Telles, 1974, p. 17)

Ana Clara é representada como a personagem que não pertence, que não tem raízes, nem passado, nem futuro. Seu corpo é explorado, sua mente é instável, e sua existência, trágica. A fala de Lorena, repleta de juízos velados, também revela as contradições internas da própria narradora, que observa o sofrimento da amiga, mas o filtra por lentes sociais herdadas da burguesia, que tanto é criticada (e ansiada) por Ana Clara. No trecho: “A Bahia inteira deve ser da parentela de Lião, mas Ana Clara é o avesso do quadro familiar” se estabelece um contraste entre Lia, que tem uma origem familiar, com raízes (mesmo que distantes), e Ana Clara, que representa

o “avesso”, a ruptura, o desenraizamento, o abandono. A personagem é, portanto, a figura da exclusão social e afetiva.

A personagem Ana Clara, embora envolta em marginalização, sofrimento, delírios e lascívia, encarna um discurso feminino de resistência ao revelar, por meio de sua existência e de sua linguagem fragmentada, a denúncia silenciosa das violências que recaem sobre corpos femininos à margem da sociedade. Nessa perspectiva, constrói-se um ethos discursivo marcado pela precariedade, pela ruptura e pela exposição da vulnerabilidade, que não busca credibilidade por meio da coerência racional, mas pela intensidade da experiência vivida e enunciada. Sua resistência não se expressa em ações combativas, mas na persistência em existir e em enunciar sua dor, ainda que de modo desordenado, delirante e socialmente desacreditado.

Ao assumir esse lugar de enunciação instável, Ana Clara se recusa a aceitar passivamente o lugar de subalternidade que lhe foi imposto, ainda que não disponha de instrumentos sociais e simbólicos para dele escapar. Seu ethos, longe de corresponder a modelos de respeitabilidade ou legitimidade discursiva, revela-se como um ethos de resistência, em certo ponto, negativa, já que tensiona as normas sociais ao corporificar aquilo que o discurso dominante procura silenciar ou apagar.

Em outros trechos é possível perceber como a própria linguagem de Ana Clara encena a violência internalizada e a fragmentação subjetiva que a constituem. Ao se autoacusar: “Mas por que minha cabeça tem que ser minha inimiga, pomba” (Telles, 1974, p.40), a personagem incorpora a lógica de autodepreciação produzida por um histórico de exclusões e violências, revelando uma imagem de mulher dilacerada. Do mesmo modo, ao falar de Lorena: “Ela conhece a Europa inteira [...] Ela é riquíssima” (Telles, 1974, p.40), Ana Clara explicita, ainda que de forma atravessada pela inveja, a consciência aguda das desigualdades sociais que a marginalizam, deslocando o conflito do plano individual para o social. Por fim, quando reduz as amigas a rótulos caricaturais como “comunista é a gorda bossa retirante. Essa é a magrinha, aquela meio cabeçuda” (Telles, 1974, p.44), seu discurso, aparentemente cruel, funciona como um gesto de resistência também, pois rompe com expectativas de civilidade, coerência e afeto associadas ao feminino, expondo o mal-estar e a violência simbólica que estruturam suas relações. Assim, nesses fragmentos, o ethos de Ana Clara se afirma justamente na instabilidade e na dissonância, fazendo de sua fala um espaço de denúncia, ainda que difusa, das hierarquias sociais e dos mecanismos que produzem sujeitos descartáveis.

A personagem Lorena, por sua vez, traz conflitos de uma mulher jovem da alta classe média brasileira, marcada por uma educação conservadora, por um imaginário romântico herdado e por uma luta interna entre repressão e desejo de

liberdade. Lorena é a voz narrativa que mais aparece na obra, compartilhando suas experiências e desejos e emitindo julgamentos sobre suas amigas Lia e Ana Clara.

Lorena foi educada dentro dos moldes da elite paulistana com obediência, contenção do desejo e culto à imagem feminina idealizada. Essa formação faz com que ela reprima constantemente seus impulsos, principalmente os de natureza sexual, ao mesmo tempo em que nutre fantasias românticas e escapistas, como o sonho de se casar com o M.N., um médico já casado com outra pessoa, mas por quem é apaixonada. Em uma de suas fantasias ela diz:

Sentei na cama. Era cedo para tomar banho. Tomei para trás, abracei o travesseiro e pensei em M.N., a melhor coisa do mundo não é beber água de coco verde e depois mijar no mar, o tio da Lião disse isso mas ele não sabe, a melhor coisa mesmo é ficar imaginando o que M.N. vai dizer e fazer quando cair meu último véu. (Telles, 1974, p. 10)

Esse trecho revela aspectos centrais da personagem Lorena, especialmente seu imaginário romântico, sua repressão sexual e a forma como vive, mais intensamente, no campo da fantasia do que na realidade concreta. “Sentei na cama”, “Tomei para trás”, “abracei o travesseiro”, esses verbos indicam uma intimidade de Lorena consigo mesma, em um espaço de recolhimento.

O uso da expressão “quando cair meu último véu” é particularmente revelador: remete à ideia de pureza, mistério e recato, própria da construção da feminilidade burguesa. O símbolo do “último véu” pode remeter à ideia da descoberta do corpo, da sexualidade e da liberdade feminina (“virgindade”). Lorena não fala abertamente de desejo sexual, mas o insinua por meio de uma linguagem metafórica. Assim, sua sexualidade é contida e sublimada, evidenciando o conflito entre o desejo e os valores morais que a restringem.

Lorena não se entrega ao prazer corporal a dois, como faria Ana Clara, mas o substitui pelo prazer da fantasia, da imaginação, do prazer solitário. Essa postura evidencia como a personagem internalizou normas sociais de controle sobre o corpo e a sexualidade femininos. Ao invés de agir, ela imagina e idealiza, mas ao mesmo tempo, há uma subversão sutil da norma patriarcal: o erotismo é conduzido por ela, pela sua imaginação e expectativa, não pela vontade masculina.

Em uma conversa que Lorena desenvolve com Lia surge o tema da masturbação e ela ajuíza, depois, sozinha, sobre quando teve esse ato pela primeira e pela segunda vez:

Masturbação? Aquilo? Treze anos, lição de piano. *O Camponês Alegre*. Participei tanto da alegria que a banqueta oscilava para a frente e para trás, o ritmo se acelerando, acelerando. A ânsia no peito, o sexo pisoteando a almofada com a mesma veemência das mãos martelando o teclado sem vacilação, sem erro. Nunca toquei tão bem como naquela tarde, o que hoje me parece completamente extraordinário (...) meu primeiro segredo (...) me senti luminosa como uma estrela.

A segunda vez também foi na fazenda, enquanto tomava banho. Ainda por acaso. Entrei na banheira vazia, deitei-me no fundo e abri a torneira. O jorro quente caiu no meu peito com tamanha violência que escorreguei e ofereci a barriga. Da barriga já pisoteada o jato passou para o ventre e quando abri as pernas e ele me acertou em cheio senti num susto a antiga exaltação artística. (Telles, 1974, p. 17-18)

O erotismo de Lorena, conforme sugerem os fragmentos, é decisivo para pensar sua subversão: “meu primeiro segredo (...) me senti luminosa como uma estrela.” A masturbação, historicamente interdita e silenciada no que diz respeito à experiência feminina, emerge como segredo, descoberta e experiência estética, aproximada metaforicamente do ato de tocar piano. Trata-se de um prazer de si para si, no qual o corpo feminino é experimentado em sua própria intimidade. Nesse movimento, constrói-se um ethos feminino marcado pela interioridade, pela contenção e pela idealização, que se afasta da lógica do erotismo heterodirigido e se inscreve como forma de resistência simbólica, ainda que atravessada por limites morais e idealizações românticas.

O gesto masturbatório, descrito pela metáfora musical: “Nunca toquei tão bem como naquela tarde” desloca o prazer do campo do interdito moral para o domínio da arte e da sensibilidade estética. Esse deslocamento produz um ethos de refinamento e sublimidade, no qual o desejo é legitimado não pela transgressão aberta, mas pela elevação simbólica da experiência corporal. Assim, o prazer deixa de ser associado à culpa, ao sujo ou ao proibido e passa a integrar uma cenografia discursiva que o aproxima da criação artística e da harmonia.

Nos dois episódios (piano e banheira), Lorena descobre o prazer, nomeia-o e narrativiza-o, assim aquilo que antes parecia algo velado, íntimo, torna-se um gesto de resistência, pois coloca o corpo feminino como lócus de desejo.

Em outro fragmento, Lorena reflete sobre o corpo de M.N. com naturalidade e ousadia, produzindo um deslocamento significativo do olhar erótico. Observa-se, nesse momento, uma inversão do olhar objetificante tradicionalmente dirigido às mulheres, uma vez que é o corpo masculino que se torna objeto de contemplação, descrição e desejo: “Enfim, problema dela, o meu é M.N. nu em pelo, muito mais em pelo do que eu, ele é peludo à beça, assim na base do macaco. Mas um macaco lindo, a cara tão intelectual, tão rara, o olho direito um pouco menor do que o esquerdo e tão triste” (Telles, 1974, p.10-11).

Esse gesto discursivo contribui para a construção de um ethos feminino marcado pela liberdade do olhar e pela apropriação do desejo, no qual Lorena se autoriza a observar, nomear e avaliar o corpo do outro sem culpa ou submissão. Ao combinar termos que oscilam entre o animalesco (“macaco”) e o intelectual (“a cara tão intelectual”), a personagem articula erotismo e idealização, desejo corporal e sensibilidade afetiva. Tal ethos rompe com a posição historicamente passiva atribuída

às mulheres nos discursos amorosos e eróticos, pois Lorena não apenas deseja, mas também interpreta e qualifica o corpo masculino a partir de seus próprios critérios.

Lorena reflete sobre seus desejos, fala sobre seus próprios problemas, critica o modo de vida de Ana Clara e também expõe os problemas de Lia. No trecho a seguir, Lorena mostra preocupação com a situação atual de Lia, em um monólogo interior: “Na alegria, ela sobre em três saltos, coitadinha. O namorante preso, o ano estourado por faltas, a mesada estourada antes do tempo, mais da metade dá ao tal grupo. Ai meu Pai.” (Telles, 1974, p.20).

O trecho evidencia Lorena como uma personagem que organiza sua percepção do mundo a partir de um olhar avaliativo, no qual os conflitos das outras personagens são filtrados por sua própria sensibilidade e posição social. Ao comentar a situação de Lia, Lorena manifesta empatia e preocupação, expressas em marcas afetivas como “coitadinha” e “Ai meu Pai”, mas essa comoção vem acompanhada de certo distanciamento, revelando uma consciência dos impactos políticos e sociais que atravessam a vida da amiga, como a prisão do namorado e o engajamento militante.

Discursivamente, constrói-se um ethos de observadora lúcida e cautelosa, que reconhece as injustiças e os riscos do contexto repressivo, mas cuja reação permanece no plano da reflexão, não da ação direta. Assim, Lorena ocupa um lugar intermediário entre a resistência política de Lia e a resistência visceral de Ana Clara, encarnando uma forma de resistência contida e intelectualizada, marcada pelos limites impostos por seu privilégio e por sua hesitação em romper com a estabilidade que a cerca.

Quanto à Lia, é uma das personagens mais politicamente engajadas e ideologicamente conscientes. Segundo Lorena, “ela lê milhares de jornais por dia, recorta artigos.” (Telles, 1974, p.51), por isso se interessa pela situação política do Brasil. Além disso, segundo a própria amiga, Lia veio de uma família mista:

Filha de um alemão com uma baiana. (...) imagine, um nazista de água no peito, entende? Vir parar em Salvador e lá então, não sei explicar mas se apaixona pela moça Diú e a soma é Lia de Melo Schultz(...) um pé baiano, o outro berlinense” (Telles, 1974, p.53).

A referência à origem familiar de Lia, “um pé baiano, o outro berlinense”, contribui para a construção de um ethos politicamente marcado pela tensão e pelo conflito ideológico. A imagem paradoxal de um pai associado ao nazismo e de uma mãe baiana sugere uma herança atravessada por contradições históricas, culturais e políticas, que ajudam a explicar a postura crítica e insurgente da personagem, segundo a personagem Lorena.

Lia crê na transformação social e na luta coletiva, mesmo sabendo de todos os riscos e analisa a realidade de maneira muito mais pragmática e, por essa razão, em muitos momentos, acaba apresentando um contraste em relação à sua amiga

Lorena, que é mais sentimentalista. Do ponto de vista discursivo, Lia encarna um ethos militante, já que sua identidade se legitima pelo engajamento político, pela linguagem direta e pela recusa de concessões ao mundo burguês que critica.

Em uma de suas reflexões, Lia critica a inocência de Lorena ao se referir à Ana Clara: “ficar pensando no milagre do casamento você devia pensar num milagre de verdade, entende? Não sei explicar, mas vocês, cristãos, têm uma mentalidade tão divertida” (Telles, 1974, p.23).

Ao ironizar o “milagre do casamento”, Lia desloca o termo milagre de seu campo semântico religioso para o campo político, produzindo um efeito de sentido que deslegitima as expectativas românticas e religiosas de sua amiga Lorena. Esse deslocamento revela uma formação discursiva marcada pela crítica às instituições tradicionais, especialmente o matrimônio. Além disso, o uso da expressão “mentalidade tão divertida” funciona como um mecanismo de ironia discursiva, por meio do qual Lia constrói uma posição de superioridade crítica em relação à Lorena. Isso inscreve Lorena no interdiscurso cristão-burguês, associado à ingenuidade e à passividade, enquanto Lia se posiciona em uma formação discursiva de resistência ligada à ação política e efetiva na sociedade.

Conforme Charaudeau e Maingueneau (2008), a noção de formação discursiva designa um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscritos, ligados a determinadas posições ideológicas e identidades enunciativas. Nesse sentido, as escolhas linguísticas de Lia tornam visível um discurso de contestação às estruturas tradicionais de poder e aos valores normativos que regulam o feminino, evidenciando sua adesão a um discurso crítico e emancipatório, em oposição ao discurso religioso-idealizante que atravessa a fala e o imaginário de Lorena.

Lia experiencia, efetivamente, aquilo que defende, ela participa de reuniões com jovens insurgentes e fala sobre como ela enxerga o contexto em que estão vivenciando no Brasil e sobre como os intelectuais enxergam a crise: “Os intelectuais estão comovidos demais pra falar, só ficam sacudindo a cabeça e bebendo. A sorte é que o uísque não é nacional” (Telles, 1974, p.25). A afirmação de que os intelectuais estão “comovidos demais pra falar” revela um discurso que denuncia o imobilismo e a alienação das elites letradas, cuja reação à conjuntura histórica se limita à comoção estéril, simbolizada pelo consumo de um produto importado, o uísque, e é justamente isso que a Lia combate e se opõe: à inação.

Há outro trecho em que Lia parece refletir sobre a dor e o sofrimento impostos pela vida, ao mesmo tempo em que questiona a opressão e a liberdade, tanto a dela quanto a de outro personagem, seu amigo /namorado, Miguel.

Acendo um cigarro. Que me importa dormir no meio dos bêbados, das putas, o cigarro aceso no meu peito, dói sim, mas se soubesse que você está livre, dormindo

na estrada ou debaixo da ponte. Mas livre. Não sei aguentar sofrimento dos outros, entende o seu sofrimento, Miguel. O meu aguentaria bem, sou dura. Mas se penso em você fico uma droga, quero chorar. Morrer. E estamos morrendo. Dessa ou de outra maneira não estamos morrendo? (Telles, 1974, p.14)

Quando ela diz “não sei aguentar sofrimento dos outros, entende o seu sofrimento, Miguel. O meu aguentaria bem, sou dura”, há uma indicação de como a mulher é, muitas vezes, socialmente obrigada a lidar com as dificuldades e sofrimentos de forma resiliente. A menção de ser “dura” implica que a mulher, para sobreviver, precisa assumir uma postura de autocontrole, internalizando as expectativas de que deve ser forte e inabalável, mesmo que isso lhe cause sofrimento. Esse tipo de resistência não é uma escolha, mas uma resposta à imposição de um sistema opressor (ditadura) que exige que a mulher seja forte, mesmo enquanto sofre.

O trecho toca na questão da liberdade feminina quando a personagem expressa um desejo paradoxal: ela fala de uma liberdade vivendo às margens da sociedade (“dormindo na estrada ou debaixo da ponte”, “dormir no meio dos bêbados, das putas”), mas essa liberdade não é a ideal. A ideia de liberdade de Miguel está associada a uma vida fora do sistema, mas também à marginalização, isto é, de alguma forma, ao sofrimento e ao abandono. Essa liberdade, portanto, tem um preço, e a personagem questiona se a liberdade real, como ela é imaginada, vale a pena, afinal todos “estamos morrendo”.

O discurso literário, de acordo com Maingueneau mantém uma relação essencial com a memória, em consequência, “todo ato de posicionamento implica um certo percurso do arquivo literário, a redistribuição implícita ou explícita dos valores vinculados com as marcas legadas por uma tradição” (Maingueneau, 2012, p.163). Em outras palavras, o autor entende que qualquer produção discursiva, ao se posicionar dentro de um contexto literário ou cultural, não é feita de maneira isolada, mas sempre em relação a um “arquivo literário”, isto é, a um conjunto de textos, gêneros, ideias e normas que formam uma tradição.

O discurso literário de *As Meninas*, portanto, mantém uma relação essencial com a memória discursiva do período de opressão, pois ele não apenas reflete as condições sociais e políticas da ditadura militar, mas também questiona e subverte os papéis tradicionais da mulher, que sempre estiveram atrelados à opressão. O romance, ao explorar as angústias (ausência de liberdade) e os desejos das personagens femininas (que envolvem, em muitos momentos, a liberdade sexual), apresenta uma crítica à maneira como as mulheres eram moldadas e controladas pela sociedade conservadora. Ao inscrever personagens femininas que vivenciam dilemas existenciais, afetivos e políticos em meio à ditadura, Lygia Fagundes Telles aproxima sua narrativa das trajetórias de muitas mulheres reais que enfrentaram a repressão do regime. Assim como as protagonistas de *As Meninas*, mulheres que atuaram em movimentos de resistência, como guerrilheiras, jornalistas, intelectuais

e militantes, desafiaram o silêncio imposto pela censura e pagaram alto preço por sua subversão, sofrendo perseguições, prisões, torturas e até o desaparecimento forçado. Entre aquelas que sobreviveram, algumas se tornaram figuras de destaque na sociedade brasileira contemporânea, como a jornalista Miriam Leitão, a socióloga e ex-ministra Eleonora Menicucci e a ex-presidenta Dilma Rousseff, cuja trajetória evidencia o quanto a luta das mulheres frente à ditadura se entrelaça à história política e social do país. Nesse sentido, o romance de Lygia Fagundes Telles pode ser lido também como um espaço literário de ressignificação da resistência feminina.

Esse discurso literário presente na obra de Telles, impregnado de resistência e memória, desafia, portanto, a normatividade de gênero e sugere, ainda que de forma indireta, um novo modo de ver e viver a liberdade feminina.

As Meninas na escola

A leitura de *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles, permite compreender como as experiências de Ana Clara, Lorena e Lia funcionam como espelhos tensionados das condições femininas durante a ditadura militar e, ao mesmo tempo, como dispositivos de leitura do presente. As três personagens encarnam modos distintos de ser mulher em um contexto marcado pela repressão política, pela violência simbólica e pela desigualdade social, revelando que o feminino não constitui uma identidade homogênea, mas um campo de conflitos, contradições e disputas. Se, na época da ditadura, essas mulheres vivenciavam limites impostos à liberdade, ao corpo e à palavra, hoje tais restrições reaparecem sob outras formas, o que torna o romance atual e pedagogicamente potente, sobretudo para ser trabalhado no Ensino Médio.

Ana Clara evidencia a face mais brutal da exclusão feminina, atravessada pela pobreza, pela exploração do corpo e pela violência psicológica. Seu discurso fragmentado e delirante, longe de ser mero desvio, revela uma forma de enunciação produzida por condições materiais extremas. Em um contexto de sala de aula, essa personagem permite problematizar a naturalização do sofrimento feminino, as desigualdades de classe e os silenciamentos históricos impostos a certos corpos e vozes. Ana Clara ensina, sobretudo, a escutar aquilo que o discurso social tende a desacreditar, abrindo espaço para debates sobre marginalização, saúde mental e violência estrutural.

Lia, por sua vez, representa o engajamento político explícito e a resistência ideológica frente ao autoritarismo. Sua atuação, sua leitura constante de jornais e sua inserção em movimentos de oposição constroem um ethos de militância e vigilância crítica, fundamental para compreender o papel das mulheres na luta contra a ditadura. No contexto escolar, Lia inspira discussões sobre participação política na

juventude, ativismo e responsabilidade social, além de permitir articulações com temas como censura, repressão e democracia, aproximando literatura, história e formação cidadã.

Lorena, por fim, ocupa um lugar discursivo particularmente fecundo para análise em sala de aula. Pode-se observar que seu discurso se constrói em um espaço de enunciação marcado pela ambiguidade: ao mesmo tempo em que demonstra sensibilidade social e preocupação com as amigas, Lorena frequentemente se refugia em uma posição de conforto de classe, em devaneios e em um olhar estetizante da realidade. Seu ethos discursivo oscila entre a consciência crítica e a evasão, o que revela como o pertencimento social condiciona os modos de dizer, de sentir e de se engajar. Analisar seus monólogos interiores e comentários sobre Lia e Ana Clara durante as aulas de Literatura, permite aos alunos compreenderem como o discurso literário encena posições sociais, valores e limites ideológicos sem recorrer a julgamentos simplistas.

Assim, *As meninas* se mostra uma obra privilegiada para o trabalho com temas críticos na escola, pois articula gênero, política, subjetividade e discurso de forma complexa e plural. As personagens não oferecem modelos acabados, mas experiências tensionadas que convidam à reflexão, ao debate e à problematização do presente. Ao analisar esses discursos, o espaço escolar se transforma em um lugar de leitura crítica, no qual a literatura não apenas representa a realidade, mas intervém na formação de leitores capazes de reconhecer os efeitos do discurso na construção das identidades e das relações sociais.

Nesse contexto, este trabalho incorpora, ainda, excertos de produções discursivas de estudantes do ensino médio que realizaram a leitura integral da obra *As Meninas*, com o objetivo de analisar de que modo esses leitores constroem sentidos sobre o texto literário e lhe atribuem relevância social e formativa. Participaram dessa etapa da pesquisa dez estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, com idades entre 16 e 18 anos, todos matriculados no mesmo colégio da rede particular de ensino, sendo quatro deles selecionados (2 meninos e 2 meninas) para compor este trabalho. As produções consideradas foram elaboradas no contexto de uma atividade escrita orientada, realizada em sala de aula após a leitura da obra, a partir de questões abertas que incentivavam a reflexão crítica sobre as personagens e os temas abordados no romance. Os excertos selecionados não constituem o corpus central da pesquisa, sendo considerados material complementar de análise, escolhidos em função da recorrência temática e da diversidade de posicionamentos discursivos apresentados. As falas dos estudantes, devidamente anonimizadas, permitem observar como os discursos das personagens reverberam no espaço escolar e são reapropriados pelos alunos a partir de suas posições sócio-históricas, evidenciando os modos de circulação e ressignificação do discurso literário no contexto educacional.

Foram formuladas diferentes questões aos participantes, entre as quais se destacam: (1) quais elementos da obra contribuíram para a compreensão da ditadura militar no Brasil; (2) se a leitura despertou o interesse em conhecer outras obras literárias que abordem temáticas de resistência ou que apresentem personagens femininas protagonistas; (3) se alguma das personagens femininas provocou incômodo, admiração ou surpresa; e (4) se os estudantes consideraram a leitura da obra relevante para sua formação crítica enquanto alunos do Ensino Médio. Em relação a esta última questão, os participantes afirmaram que:

E.A.C.: “por meio de contextos apresentados na narrativa o texto nos mostra de maneira subjetiva as condições sociais da época, assim fazendo o leitor refletir”

M.L.T.: “por poder colecionar informações concretas sobre a resistência civil”

A.C.C.: “Além de ter como plano de fundo um dos períodos mais violentos e polêmicos da história brasileira, a leitura contribui para questionar o papel das mulheres e descrever seus próprios sentimentos, bem como expor a opressão do regime militar”

S.C.: “ela (a obra) se aprofunda em aspectos da ditadura que, apesar de mencionados na sala de aula, somos capazes de entender na prática pela visão de alguém que realmente vivenciou o regime”

A leitura do livro em questão no contexto escolar revela-se especialmente significativa quando se observam os posicionamentos discursivos assumidos pelos próprios estudantes diante da obra. Nos depoimentos analisados, os estudantes reconhecem o romance como um instrumento formativo capaz de ampliar a compreensão crítica da realidade histórica e social. Um dos depoimentos ressalta a obra como fonte de informações concretas sobre a resistência civil, evidenciando um gesto de leitura que articula literatura e memória política. Já ao mencionar o período da ditadura militar como pano de fundo da narrativa, enfatiza-se a importância do romance para problematizar o papel das mulheres e dar visibilidade a sentimentos, conflitos e formas de opressão silenciadas pela história oficial.

Por fim, a leitura é valorizada por eles, de maneira geral, como meio de compreender “na prática” aspectos do regime autoritário, uma vez que o olhar ficcional permite acessar a vivência subjetiva de quem experienciou aquele contexto. Esses posicionamentos revelam que os estudantes não se colocam como leitores passivos, mas como sujeitos que produzem sentidos a partir de suas condições sócio-históricas, reconhecendo na literatura um espaço privilegiado de articulação entre conhecimento histórico, experiência subjetiva e formação crítica.

Além dos aspectos levantados a partir da percepção dos estudantes, a leitura crítica de *As Meninas* poderia ser aprofundada a partir de uma perspectiva

interseccional, conforme apontado por Saffioti (1976), ao evidenciar que as relações de dominação não se organizam apenas em torno da categoria sexo/gênero, mas também se articulam às dimensões de classe e raça. Segundo a autora, a superposição entre essas categorias é estruturante da dinâmica capitalista, contribuindo tanto para a manutenção do domínio do homem branco quanto para os processos de acumulação de capital, lógica que se atualiza em diferentes configurações históricas. Embora a obra de Lygia Fagundes Telles não tematize de forma explícita a questão racial, as trajetórias das personagens femininas permitem discutir como privilégios de classe, silenciamentos sociais e desigualdades estruturais atravessam as experiências das mulheres representadas. Nesse sentido, o romance oferece um terreno fértil para problematizar, também em sala de aula, como gênero, classe e raça operam de maneira imbricada na produção das opressões e dos discursos de resistência, ampliando a compreensão dos estudantes sobre a complexidade das relações sociais e sobre os limites e possibilidades do engajamento feminino em contextos autoritários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises desenvolvidas, observa-se que *As Meninas* constrói um espaço discursivo plural no qual diferentes ethos femininos se inscrevem como formas tensionadas de resistência em um contexto marcado pela repressão política e pelo controle dos corpos e das vozes das mulheres. Ana Clara, Lorena e Lia não configuram modelos homogêneos de enfrentamento, mas modos distintos e, por vezes, contraditórios de lidar com a violência simbólica, social e histórica que atravessa suas existências. Ao evidenciar a precariedade, a contenção e o engajamento militante como posições discursivas possíveis, o romance revela que a resistência feminina não se limita à ação política explícita, mas também se manifesta na linguagem fragmentada, na interioridade erotizada, na ironia e na recusa em aderir plenamente às normatividades de gênero.

Nesse sentido, a obra de Lygia Fagundes Telles reinscreve, no arquivo literário brasileiro, discursos que desestabilizam representações tradicionais do feminino e produzem uma memória crítica da ditadura militar a partir da experiência das mulheres.

Embora a escola não constitua o objeto central desta pesquisa, o espaço escolar emerge como um lugar privilegiado de circulação, atualização e resignificação dos sentidos produzidos por *As Meninas*. Como desdobramento do trabalho analítico, a leitura da obra no Ensino Médio mostrou-se capaz de mobilizar, entre os estudantes, gestos interpretativos que articulam literatura, história e formação crítica.

Nesse sentido, o estudo evidencia que o trabalho com textos literários no contexto escolar ultrapassa sua dimensão estritamente estética, configurando-se como uma prática discursiva formativa, capaz de intervir na constituição de leitores críticos, atentos aos efeitos do discurso na construção das identidades e das relações sociais, bem como de ampliar o debate para perspectivas interseccionais que complexificam a compreensão das opressões e das formas de resistência feminina.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. O direito à literatura. In *Vários escritos*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. Org. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais + Ensino Médio*. Orientações educacionais complementares aos PCN. Brasília, MEC/ SEMTEC, 2002.

SAFFIOTI, H. I. B. *A Mulher na Sociedade de Classes*: mito e realidade; prefácio de Antônio Cândido de Mello & Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.

TELLES, L. F. *As meninas*. 5.ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, 1990 (original: 1928)